Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

DIMENSIONAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES NAS FEIRAS LIVRES NO BAIXO JEQUITINHONHA/MG

Sizing and characterization of farmers markets in Baixo Jequitinhonha/MG

Eduardo Charles Barbosa AYRES
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
eduardo.ayres@ifnmg.edu.br

Vanessa Fonseca AYRES
PPGSAT - UFMG/Unimontes
vfayres@gmail.com

Eduardo Magalhães RIBEIRO
Universidade Federal de Minas Gerais
eduardoribeiromacuni@gmail.com

Resumo

As feiras livres fazem parte da cultura do Vale do Jequitinhonha, constituindo importante canal de comercialização dos produtos da agricultura familiar, e espaço de relações sociais e identidade cultura. A pesquisa foi realizada de julho a dezembro de 2016, objetivando dimensionar e caracterizar as feiras livres no Território da Cidadania do Baixo Jequitinhonha, MG, e mapear ações de incentivo. Para coleta de dados foi utilizada planilha, e para entrevista com representantes de instituições foi utilizado roteiro de conversa. A equipe de pesquisa foi composta por professores e estudantes do IFNMG e UFMG, e profissionais da Cáritas Diocesana de Almenara. Foram contabilizados 1.590 pontos de venda, sendo 45% ocupados por agricultores, com relevante participação das mulheres. O tamanho das feiras variou de 5 a 372 pontos de venda, com grande número de agricultores ocupando pontos no chão ou situações improvisadas. As principais iniciativas de apoio são a aquisição de bancas e barracas, e transporte feirante. Conclui-se que as feiras livres apresentam realidades diferentes de tamanho, infraestrutura, oferta, apoio ao feirante e presença de agricultor, indicando

necessidade de atuação regional, para fortalecimento da comercialização e da agricultura familiar.

Palavras-chave: Feiras livres. Agricultura familiar. Baixo Jequitinhonha

Abstract

Farmers markets are part of the Jequitinhonha Valley culture, constituting an important marketing channel for family farming products, and a space for social relations and cultural identity. The research was carried out from July to December 2016, aiming at dimensioning and characterizing free fairs in the Territory of Citizenship of Baixo Jequitinhonha, MG, and mapping incentive actions. For data collection, a spreadsheet was used, and for interviews with representatives of institutions, a script of conversation was used. The research team was composed of professors and students from IFNMG and UFMG, and professionals from Caritas Diocesan of Almenara. 1,590 points of sale were accounted for, 45% occupied by farmers, with a relevant participation of women. The size of the fairs ranged from 5 to 372 points of sale, with a large number of farmers occupying points on the ground or improvised situations. The main support initiatives are the acquisition of stalls and stalls, and market transport. It is concluded that open markets have different realities in terms of size, infrastructure, supply, support to the market vendor and presence of farmers, indicating the need for regional action to strengthen commercialization and family farming.

Keywords: Farmers Market. Family farming. Baixo Jequitinhonha

INTRODUÇÃO

As feiras livres cumprem papel importante dentro da economia local, abastecendo as cidades de alimentos e fazendo girar a venda de produtos no comércio, pelo consumo das populações rurais nos bares e restaurantes, lojas de confecções, farmácias, lojas de produtos agropecuários, materiais de construção etc.

Além disso, as feiras livres apresentam relevância social para os agricultores familiares, pois constitui importante canal de comercialização e escoamento dos produtos, proporcionando renda, estimulo à produção e melhoria nas condições de vida.

Presente nos 16 municípios do Baixo Jequitinhonha, a feira livre é um tema recorrente nos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), nas instituições governamentais e não-governamentais que, de uma forma ou outra, umas com mais intensidade e outras menos, têm se sensibilizado para a relevância social, econômica e cultural desse espaço de comercialização nos municípios.

A pesquisa foi realizada com objetivo de dimensionar e caracterizar as feiras livres em municípios do Território da Cidadania[1] do Baixo Jequitinhonha, MG, quantificando pontos de venda existentes no espaço da feira, contabilizando a presença dos

[1] Em 2008 o governo federal realizou uma nova divisão territorial, que reconhece as diferenças regionais, e a necessidade de política discutida e identificada pelas particularidades e características existentes em cada Estado, como forma administrativa de planejamento e execução orçamentária. Essa divisão territorial - chamada de Território da Cidadania (Oliveira *et al*., 2017).

agricultores nos pontos de venda, caracterizando a situação de exposição dos produtos, o perfil do feirantes, identificando e quantificando os produtos comercializados pelos agricultores. Buscou-se também mapear ações de incentivo e apoio às feiras livres.

A pesquisa foi realizada no período de julho a dezembro de 2016, envolvendo os municípios de Almenara, Bandeira, Divisópolis, Felisburgo, Jacinto, Jequitinhonha, Joaíma, Jordânia, Mata Verde, Monte Formoso, Palmópolis, Rio do Prado, Rubim, Santa Maria do Salto, Santo Antônio do Jacinto (SAJA), Salto da Divisa.

Os resultados desse trabalho podem orientar agências governamentais e não governamentais para formulação de ações de fortalecimento das feiras livres.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

As feiras livres fazem parte da cultura do Vale do Jequitinhonha. Geralmente realizadas aos sábados, além de servir de local para escoamento da produção da agricultura familiar, também consiste em ponto de entretenimento, diversão, encontro com os amigos, rever colegas e parentes que moram no meio rural e que nos dias de feira vêm à cidade para vender e comprar (Ribeiro *et al*., 2007a).

A diversidade de produtos nas feiras livres mostra o potencial produtivo das terras dos municípios e da região, indicam os costumes alimentares geralmente adequados em função do que a terra pode oferecer.

Estudos feitos nas feiras do Jequitinhonha pelo Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar da UFLA (Núcleo PPJ/UFLA), Comissão Regional de Segurança Alimentar (CRSAN) e Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV) em municípios do Alto e Médio Jequitinhonha mostram que políticas públicas de apoio a agricultura familiar se revertem em qualidade e diversidade alimentar para o município com feiras mais ricas em quantidade e qualidade de produtos da agricultura familiar (Ribeiro et al. 2007a).

Conforme pesquisa de Boechat e Santos (2016), em município do interior da Bahia, as principais vantagens apontadas por consumidores em comprar na feira livre são, em primeiro lugar, a oferta de produtos frescos, depois o preço baixo dos produtos, seguido da existência de variedade de produtos, e depois a qualidade dos produtos.

Segundo Fonseca et al. (2013), as feiras livres constituem um espaço de relações sociais e identidade cultura, compartilhando funções de trabalho, mas também de entretenimento para os frequentadores das feiras e dos mercados. Para os autores, o mercado favorece a união de pessoas e suas relações sociais. Gera relações de confiança entre o consumidor e o produtor rural que adquire os produtos que serão consumidos por sua família.

Presente na maioria dos municípios do Vale do Jequitinhonha, as feiras livres não podem ser pensadas somente como alternativas econômicas de aumento da receita de lavradores. Dentro das especificidades do Vale do Jequitinhonha, incluído no quadro das “regiões deprimidas”, de estagnação econômica e exclusão social, as feiras são espaços para debates sobre a formulação de proposta para políticas e programas de desenvolvimento territorial, caminhos para superação da exclusão, valorização da cultura e do conhecimento local, e melhoria da qualidade de vida no campo e na cidade (Ribeiro *et al*, 2007a).

O Baixo Jequitinhonha, local de realização desse estudo, é uma das microrregiões que compõe o Vale do Jequitinhonha, situado na região nordeste de Minas Gerais, marcada fortemente pela presença do latifúndio pecuarista, porém com relevante presença da agricultura familiar, que apesar de ocupar menos de ¼ das terras, constitui certa de 75% dos estabelecimentos rurais da região (IBGE, 2016).

A agricultura familiar consiste em um sistema de produção agrícola em que o trabalho é, basicamente, realizado e gestado pela família. Uma das características marcantes é que, geralmente, sua produção é destinada tanto para o consumo, quanto para venda, e, portanto, não consiste em uma agricultura de subsistência, sendo tal situação evidenciada pela comercialização de produtos nas feiras. Outra característica é que a propriedade familiar é marcada pelo policultivo, produção diversificada e consorciada, como tentativa de melhor aproveitamento do terreno e possibilitar mais opções na pauta alimentar da sua família (Heredia, 1979).

Agricultores familiares respondem por 70% do alimento consumido pelos brasileiros, e ocupa 85 % dos estabelecimentos rurais no Brasil, que correspondente a 4.366.267 estabelecimentos (IBGE, 2016).

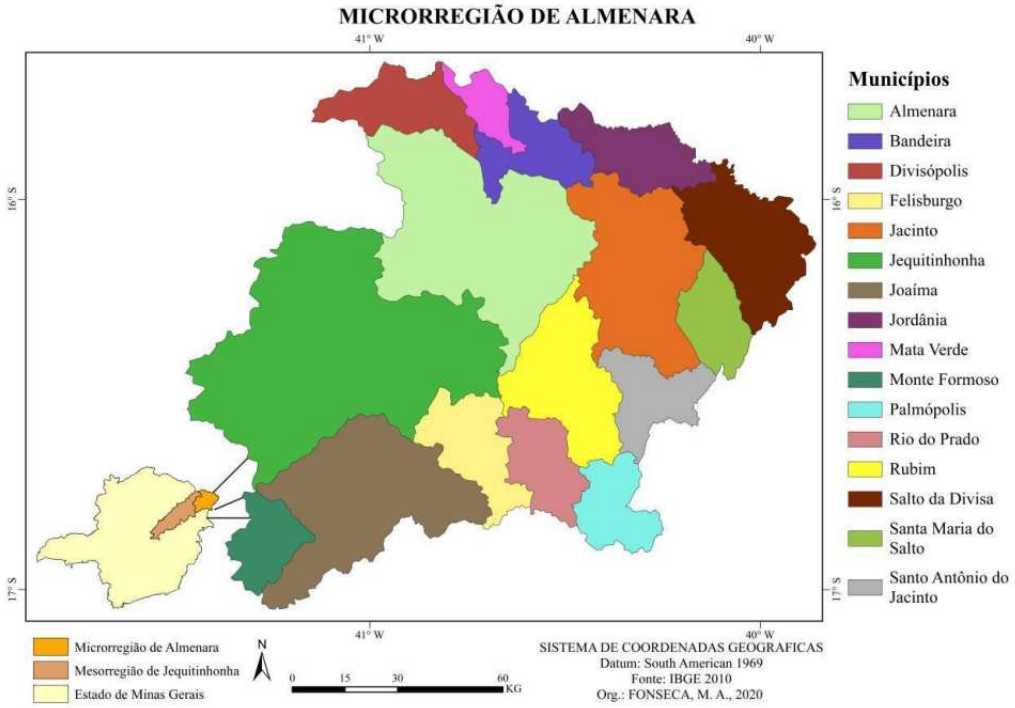
Dentre as ações necessárias de apoio às feiras livres e agricultura familiar, Ribeiro et al. (2009) indicam cinco iniciativas que podem ser desenvolvidas de acordo às características locais de cada município, sendo o transporte para o feirante onde ele não existe, e sua melhoria onde ele existe; melhoria de infraestrutura das feiras livres e reorganização do espaço da feira; capacitação de feirantes em relacionamento com clientes, controle de qualidade e padronização de oferta; programas de aquisição de produção excedente; programa de educação de adultos.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada nas feiras livres dos 16 municípios da microrregião de Almenara, Baixo Jequitinhonha - MG (Fig. 1).

Os procedimentos adotados nesse estudo baseiam se em descrições metodológicas de pesquisa em feiras livres abordadas por Ribeiro *et al*. (2007a).

Figura 1 - Microrregião de Almenara, Baixo Jequitinhonha - MG.



Fonte: IBGE, 2010.

A metodologia envolveu quatro etapas: reunião com membros do Território da Cidadania do Baixo Jequitinhonha, pesquisa de campo nas feiras livres, entrevista com representantes municipais de órgão públicos e da sociedade civil, sistematização das informações coletadas em campo. Descritas a seguir:

2.1 Concertação social da pesquisa em Plenária do Território do Baixo Jequitinhonha.

O primeiro passo para viabilizar a pesquisa foi reunir com os membros do Território da Cidadania do Baixo Jequitinhonha, em plenárias realizadas no primeiro semestre de 2016, no município de Almenara, para apresentação e ajustes da pesquisa, socializado os objetivos, a importância do tema para o desenvolvimento regional, os municípios de abrangência, as informações coletadas e a possibilidade de orientação para ações de apoio e fortalecimento às feiras livres.

Nessa reunião estavam presentes representantes da Cáritas Diocesana de Almenara, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Prefeituras Municipais e CMDRS.

Foi ressaltada a importância do apoio municipal na logística e articulação institucional para a realização da pesquisa, e levantamento satisfatório das informações.

2.2 A coleta de dados

Os levantamentos foram realizados de acordo com o dia da feira livre, que na maioria

dos municípios, do Baixo Jequitinhonha, acontece aos sábados, exceto nos municípios de Rio do Prado, Joaíma, Monte Formoso e Santa Maria do Salto, que acontece na sexta-feira.

A pesquisa iniciava entre cinco e seis horas da manhã, coincidindo com a chegada dos feirantes, e encerrava a partir das 11 horas, que coincidia, em alguns municípios, com o final da feira.

Para realizar a contagem do número de pontos de venda, a identificação dos produtos comercializados, e a situação de exposição dos produtos, o grupo foi dividido em equipes responsáveis por setores da feira, como parte interna do mercado, ruas laterais e frontais, área de açougues, etc., e assim contemplar todo espaço referente a feira livre.

Os pontos de venda foram classificados em três categorias:

a) Pontos fixos: aqueles que permanecem funcionando durante toda semana como açougues, armazéns, bares ou lanchonetes, bancas de roupas que ficam dentro do espaço da feira, etc.;

b) Pontos de feirante agricultor: aqueles pontos marcados pela presença de agricultores responsáveis pela produção e gestão da venda;

c) Pontos de feirante mercador: aqueles pontos que existem principalmente nos dias de feira, ocupados por não agricultores, que geralmente revendem produtos agrícolas e não agrícolas como roupas, objetos eletrônicos, alimentos, etc.

Com relação à situação de exposição dos produtos, os pontos foram classificados em seis categorias:

a) Bancas: estruturas para exposição de produtos, porém sem cobertura. Pode ser de programas governamentais ou da sociedade civil, ou particulares;

b)Barracas: estruturas para exposição de produtos, com cobertura para proteção de sol e chuva. Pode ser de programas governamentais ou da sociedade civil, ou particulares;

c) Box/alvenaria: pontos fixos construídos de alvenaria;

d) Box/madeira: pontos fixos construídos de madeira;

e) Chão: produtos expostos diretamente no chão, geralmente, sobre lonas, sacos plásticos, sacos de linhagem, etc.;

f) Outros: geralmente pontos improvisados, com os produtos expostos em caixotes, carroceria de veículo, carrinho de mão, caixa de isopor, bacias, cadeira, mesas improvisadas, etc.

Os produtos comercializados, foram classificados em onze categorias:

a) Hortaliças: inclui produtos agrícolas de ciclo curto como alface, tomate, cenoura, mandioca, melancia, feijão verde, feijão andu, coentro, abóbora, fava, milho verde, etc.;

b) Frutas: inclui as frutíferas cultivadas como banana, mamão, laranja, manga, etc.;

c) Indústria doméstica rural (IDR): nessa categoria foram agrupados produtos processados como geleias, queijo, requeijão, manteiga, rapadura, doces, farinha, etc.;

e) Produtos de origem animal (POA): neste item incluem animais vivos e produtos derivados como ovos, leite, etc.;

f) Extrativismo: produtos retirados diretamente da natureza, como lenha, frutos

nativos, palmito, etc.;

g) Temperos: condimentos utilizados no preparo de refeições, temperos prontos, e ervas utilizadas na culinária;

h) Grãos/cereais: nesta categoria encontra se principalmente feijões e milho, ambos, seco/maduros;

i) Alimentos prontos: são produtos disponíveis para o consumo imediato como cafezinho, leite, bolo, biscoito, etc.;

j) Artesanato: inclui produtos artesanais de matéria prima como algodão, palha, capim, cipó, barro, madeira, sementes, etc.;

l) Produtos de uso medicinal: agrupam as plantas de uso medicinal comercializadas em forma de sementes, folhas, raízes, xaropes, extratos, ramos, etc.;

m) Mudas: referente às mudas ou outros materiais de plantio como, por exemplo, manias ou colmos de cana de açúcar.

2.3 Mapeamento de iniciativas de apoio ao feirante

O levantamento das iniciativas foi realizado por meio de entrevista com representantes do poder público municipal, Sindicato de Trabalhadores Rurais, EMATER e Associação de feirantes. Nos municípios onde não foram encontrados representantes de organizações, as entrevistas foram realizadas com alguns feirantes.

Foram registradas iniciativas institucionais voltadas diretamente para o agricultor feirante.

2.4 Sistematização das informações

Os dados foram tabulados por município, e posteriormente agrupados, permitindo um panorama regional sobre a situação das feiras livres nos municípios que compõem o Território da Cidadania do Baixo Jequitinhonha.

Sistematizados, em forma de relatório, os municípios receberam os resultados das informações coletas, com possibilidade de aproveitamento para elaboração de projetos ou programas de apoio às feiras livres e agricultura familiar. Os dados também foram divulgados em reuniões e eventos regionais e municipais.

A equipe de pesquisa foi composta por professores e estudantes do IFNMG e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e profissionais da Cáritas Diocesana de Almenara.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feira livre é uma forma comercial indutora da concentração de pessoas, capitais, mercadorias e, por si, de renovação ou de resistência no espaço urbano. Elas se originam de forma espontânea nas cidades e são formadas por uma reunião pública e autorizada

de compradores e vendedores de mercadorias, que se encontram em intervalos regulares num lugar estabelecido (Bromley, 1980).

Em todos os municípios do Baixo Jequitinhonha notou-se a existência da feira livre, com características heterogêneas, variando em número de pontos de venda, presença de agricultor, iniciativas de apoio ao feirante, e, também, dias da semana em que acontece.

Os agricultores familiares estão organizados, frequentemente, em comunidades rurais que, culturalmente, exercem atividades agrícolas para sua alimentação e como fonte de renda. Essas atividades são feitas em grande parte no terreno da família e com divisão das tarefas entre seus membros. Assim, participam da economia local por meio de oferta dos seus produtos (Galizoni, 2000; Heredia, 1979).

3.1 A dinâmica semanal das feiras livres

Na maioria dos municípios, a feira livre acontece apenas em um dia da semana, em outros são realizadas em mais de um dia. No município de Jequitinhonha, a feira livre acontece na terça, quarta, sexta e sábado. Em Palmópolis, acontece na quarta e no sábado. E, em Jordânia, acontece na sexta e no sábado. Mas há o dia principal da feira, marcado pelo maior volume de pessoas e produtos.

Nem todas as feiras são realizadas aos sábados. Dos 16 municípios pesquisados, em 11 deles (Almenara, Bandeira, Divisópolis, Felisburgo, Jequitinhonha, Jordânia, Mata Verde, Palmópolis, Rubim, Salto da Divisa e SAJA), praticamente 70%, têm o sábado como dia principal da feira livre. Mas outros, como Jacinto, Joaíma, Monte Formoso, Rio do Prado e Santa Maria do Salto, a feira livre acontece na sexta-feira.

Segundo alguns feirantes, a feira livre durante a sexta-feira permite ao agricultor vir até a cidade para vender os seus produtos e aproveitar para utilizar alguns serviços públicos na prefeitura, serviços de banco, pagar mensalidade do STR, fazer consulta médica, etc. Por outro lado, reconhecem que pode ter prejuízo nas vendas, porque sabem que algumas pessoas da cidade não podem ir até a feira fazer as compras, pois estão trabalhando.

3.2 A dimensão das feiras livres e a presença do agricultor

Foram contabilizados 1.590 pontos de venda nos 16 municípios pesquisados, sendo que 712 pontos (45%) são ocupados por agricultores, outros 558 pontos (35%) são ocupados por feirante mercador, e os demais 320 (20%) são ocupados por feirante fixo. Esses dados revelam que as feiras livres nos municípios do Território do Baixo Jequitinhonha não são ocupadas exclusivamente por agricultores.

Em municípios do alto Jequitinhonha, estudos revelam que apenas 12% da origem dos produtos ofertados nas feiras são de intermediários, compreendendo mascates, vendedores de bijuterias, roupas, carnes, fumo e outros (Ribeiro, 2009).

A quantidade de pontos de venda variou de 5 a 372 pontos, por município, revelando tamanho diversificado das feiras. Cinco municípios apresentaram mais que 100 pontos de venda, com destaque para Almenara que foram contabilizados 372 pontos. Entre os demais, outros cinco apresentaram até 50 pontos de venda, sendo que o município de Monte Formoso, neste levantamento, possui a menor feira, ente os pesquisados, com apenas cinco pontos de venda. Outros 45% dos municípios apresentam valores

intermediários de 50 a 100 pontos de venda (Quadro 1).

Com relação a presença do agricultor, a pesquisa revelou que sua participação nas feiras livres, no Baixo Jequitinhonha, variou de 19% a 76%, conforme o município. Percebe se que, entre os 16 municípios pesquisados, apenas sete possuem mais de 50% dos pontos de venda ocupados por agricultores, sendo Rio do Prado, em primeiro lugar, seguido de Jacinto, Santa Maria do Salto, Felisburgo, Monte Formoso, Jequitinhonha e Bandeira. Nos demais municípios, o agricultor ocupa 50% ou menos dos pontos de venda, sendo eles, em ordem decrescente: Joaíma, SAJA, Palmópolis, Rubim, Jordânia, Almenara, Salto da Divisa, Mata Verde e Divisópolis (Quadro 1).

Quadro 1 - Número de pontos de venda e presença de agricultores nas feiras livres em municípios do Baixo Jequitinhonha/MG.

Município	**Pontos de venda**	**Porcentagem de feirante agricultor**
Almenara	372	35%
Jequitinhonha	186	59%
SAJA	150	49%
Mata Verde	144	23%
Divisópolis	104	19%
Joaíma	94	50%
Felisburgo	84	66%
Palmópolis	76	47%
Jordânia	74	43%
Rubim	73	47%
Rio do Prado	55	76%
Santa Maria do Salto	50	68%
Bandeira	44	55%
Jacinto	40	73%
Salto da Divisa	39	26%
Monte Formoso	5	60%
Total	1590	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa. Baixo Jequitinhonha, MG. Jul./Dez-2016.

O quadro permite relacionar a presença do agricultor feirante com o número de pontos de venda existente no município, e nota-se que, nem sempre, feiras com maior número de pontos de venda, possuem maior percentual de agricultores.

A maior presença do feirante agricultor foi identificada nos municípios com tamanho de feira mais reduzido como Rio do Prado, Santa Maria do Salto, Bandeira, Jacinto e Monte Formoso, com exceção de Jequitinhonha e Felisburgo.

Ribeiro *et al*. (2007b), avaliando as dimensões das feiras livres em municípios do alto Jequitinhonha, MG, revela que as feiras abastecem em média 75% da população dos municípios, geram receitas em torno de um salário mínimo mensal por família feirante, e as vendas dos agricultores se transformam em consumo no comércio urbano aquecendo a economia local.

Para Angulo e Ribeiro (2007), dois fatores são fundamentais para a atividade do feirante, sendo o primeiro deles, o acesso a água que dá base para todo processo de reprodução no rural, e o segundo, é o transporte gratuito, que é vital por baratear os custos e por ser o único meio para alguns produtores chegarem à cidade no dia da feira.

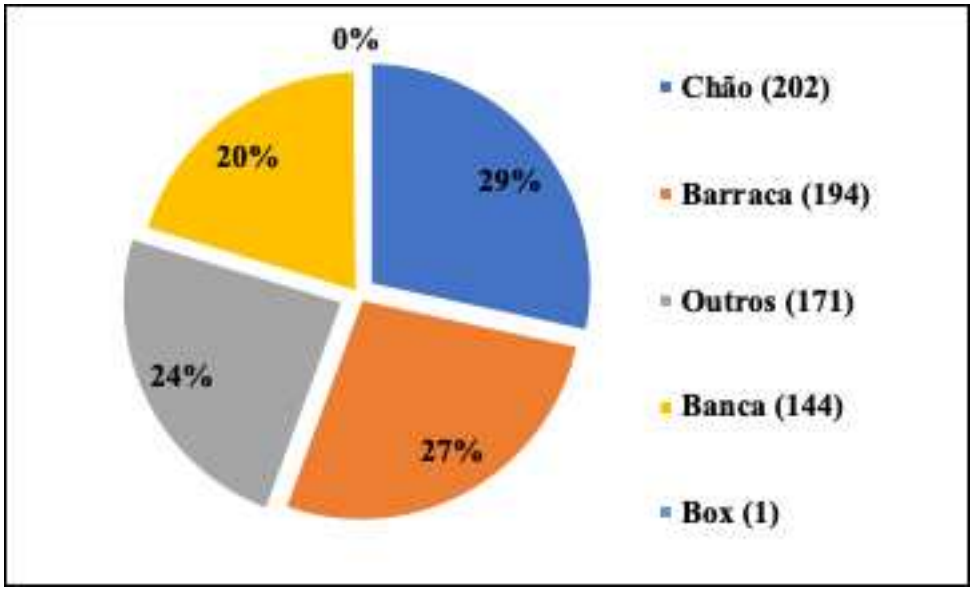
3.3 Situação de exposição dos produtos dos agricultores

Os produtos dos feirantes são expostos em um conjunto diverso de situações, que vão desde estruturas fixas como os boxes de alvenaria comumente encontrados nos mercados, passando por bancas e barracas, pontos improvisados em caixotes de madeira ou carrinhos de mão, e também produtos expostos no chão sobre lona preta ou saco de linhagem.

As feiras livres acontecem com objetivo comercial, socioeconômico e cultural, para a população local ou de uma mesma região. Os mercados periódicos, com pequena ou grande dimensão, organizam-se nas ruas e praças , onde feirantes expõem diversos tipos de produtos, desde aqueles confeccionados com técnicas inovadoras, até as mercadorias produzidas nos moldes mais rudimentares Costa (2016).

A pesquisa revelou que 29% dos agricultores expõem seus produtos no chão, 27% ocupam barracas, 24% estão em estruturas improvisadas, como carrinho de mão, bacias plásticas ou de metal, mesas e cadeiras, caixotes, garupa de moto ou bicicleta, carroceria de carro, isopor, caixa fortlev etc., classificadas aqui como “outros”, 20% expõem seus produtos em bancas, e por última, um único ponto de venda de agricultor ocupando um box de madeira, na feira livre de Jordânia (Fig. 2)

Figura 2 - Exposição de produtos nas feiras livres, pelo agricultor.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa. Baixo Jequitinhonha, MG. Jul./Dez-2016.

Merece atenção especial, a situação de exposição dos produtos, considerando a soma dos pontos de venda classificados como “outros” , que são pontos improvisados, e os pontos de venda situados no “chão”, ambos, ocupando um total de 53% dos pontos de venda com mercadorias que não são expostas em condições totalmente adequadas.

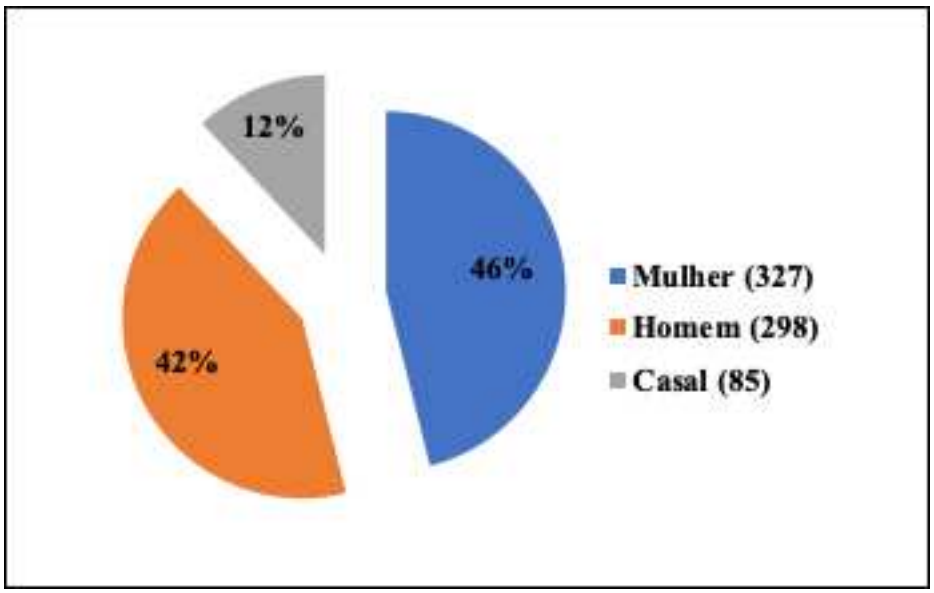
Situações inadequadas de exposição podem comprometer a higiene dos produtos, ocasionar a perda pela má acomodação, provocar acidentes durante o trânsito dos consumidores, causar desconforto na escolha e compra dos produtos, desvalorizar os produtos pela má apresentação, expor os alimentos ao contato com excrementos de animais, provocar sentimento de inferioridade nos feirantes, etc.

Acomodação de produtos no chão, em feiras livres, também foi identificada por Ribeiro *et al*. (2009), pesquisando cinco municípios do alto Jequitinhonha, e encontrando situações que vai de 0,6% até 55% dos feirantes expondo no chão os alimentos para comercialização.

3.4 Perfil do agricultor feirante

Com relação ao perfil (sexo) do feirante agricultor responsável pelos pontos de venda, buscou-se identificar se o mesmo era do sexo masculino, feminino, ou se a responsabilidade do ponto era compartilhada por marido e esposa (casal). A pesquisa mostra que 46% dos pontos são ocupados por mulheres, 42% ocupados por homens, e 12% são ocupados pelo casal, relevando presença considerável das mulheres nesse canal de comercialização, mostrando que a participação das mulheres na divisão do trabalho no núcleo familiar vai além dos afazeres domésticos, contribuindo diretamente na geração de renda da família (Fig. 3).

Figura 3 - Perfil (sexo) do feirante.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa. Baixo Jequitinhonha, MG. Jul./Dez-2016.

Fonseca *et al.* (2017), mostram que o acesso das mulheres rurais às feiras livres também tem um papel importante na construção da sua identidade social, fazendo com que ocorra um empoderamento da mulher e consequentemente permitindo a melhoria da vida dela e da sua familia.

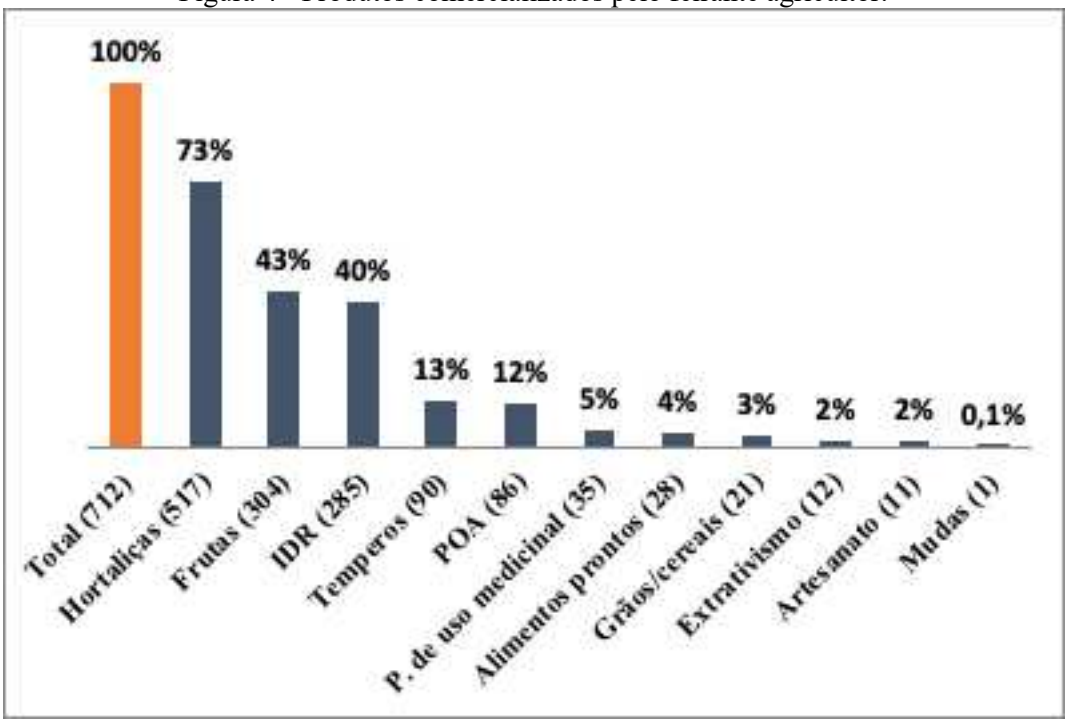
> Isso reflete diretamente no cotidiano das mulheres, pois visivelmente a mulher trabalhadora rural tem deixado de lado certo ar de mulher sofrida e adquirido um aspecto de mulheres que se inserem, de fato, no cotidiano da vida, adquirindo autonomia e maior independência, transformando-se em um ser ativo nas decisões acerca dos processos produtivos; abandona, então, o papel de "coadjuvante" e assume o protagonismo agrícola, de fato (FONSECA *et al*., 2017, p. 104).

Angulo e Ribeiro (2007), também revelam a importância da organização do trabalho familiar pela mulher e filhos para produção e comercialização dos produtos na feira livre, como importante complemento na composição da renda familiar rural, e auto consumo. Nesse estudo, a contagem para o perfil (sexo) do feirante não incluiu os municípios de Bandeira e Jordânia, pois essa informação começou a ser coletada a partir do município de Rubim que foi o terceiro município na sequência da pesquisa.

3.5 Produtos comercializados pelos agricultores nas feiras livres, e sua diversidade

Dentre os produtos ofertados pelos agricultores nas feiras livres, destacam-se as hortaliças, presentes em 73% dos pontos de venda, as frutas, presentes em 43% dos pontos de venda, e os produtos da IDR, presentes em 40% dos pontos de venda. Em menor porcentagem estão os pontos de venda com os itens relativos a temperos – 13%, produtos de origem animal – 12%, produtos de uso medicinal – 5%, alimentos prontos – 4%, grãos/cereais - 3%, produtos do extrativismo - 2%, artesanato - 2%, mudas – 1% (Fig. 4).

Figura 4 - Produtos comercializados pelo feirante agricultor.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa. Baixo Jequitinhonha, MG. Jul./Dez-2016.

Categorização semelhante também foi utilizada por Ribeiro et al. (2007b) em levantamentos realizados em feiras livres de cinco municípios do alto Jequitinhonha. Sendo a feira livre um reflexo do meio rural, programas públicos e ações de assistência técnica e extensão rural (ATER) podem ser direcionados para incrementar determinadas categorias produtivas, conforme demanda e grau de organicidade, pois

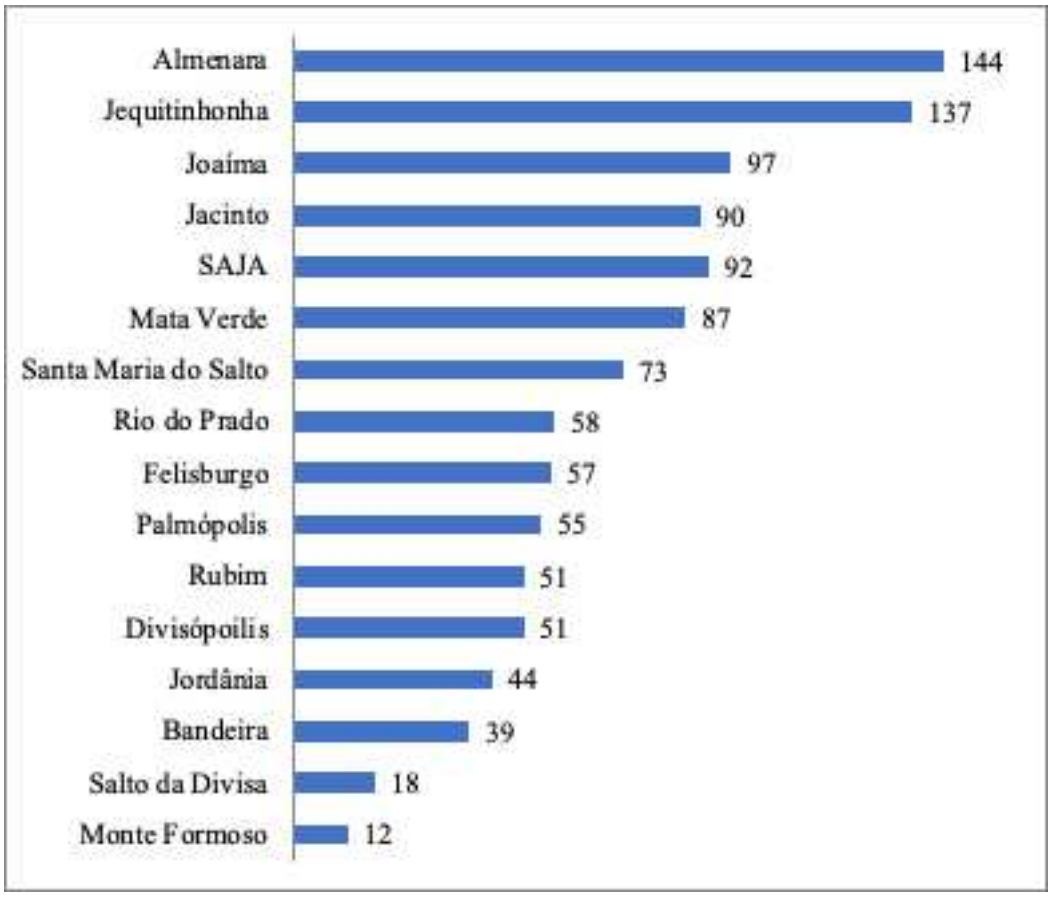
algumas se manifestam com menor intensidade, enquanto outras se destacam nas feiras.

Com relação à diversidade de produtos ofertada pelos agricultores feirantes, foram identificados 292 itens que chegam semanalmente para serem comercializados na sede dos municípios, sendo hortaliças (88), IDR (74), frutas (44), produtos de uso medicinal (25), alimentos prontos (20), temperos (14), produtos de origem animal (8), artesanato (7), grãos/cereais (6), extrativismo (5) e mudas (1).

As hortaliças se destacam tanto em número de pontos de venda, quanto em diversidade de produtos. Para Angulo e Ribeiro (2007. p. 212), a diversidade na feira livre é atribuída em função de que as famílias "quase sempre empregam seu tempo em várias atividades, simultaneamente, construindo fontes de renda, cultivando uma grande variedade de culturas alternativamente para o consumo familiar e para o mercado [...]".

No gráfico abaixo podemos observar que a diversidade se manifesta de forma diferente nos municípios, variando de 12 até 144 itens por feira. Os municípios de Almenara e Jequitinhonha se destacam, pelo maior número de produtos, ofertando 144 e 132 itens, respectivamente. Os municípios com menor diversidade de produtos na feira são Monte Formoso e Salto da Divisa, ofertando 12 e 18 itens, respectivamente (Fig. 5).

Figura 5 - Quantidade de itens ofertados pelo agricultor na feira livre.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa. Baixo Jequitinhonha, MG. Jul./Dez-2016.

Os municípios de Almenara e Jequitinhonha também possuem os maiores quantitativos com relação a pontos de venda de agricultor feirantes, sendo 129 e 110 pontos, respectivamente. Salto da Divisa e Montes Formoso possuem as menores feiras, e com menor número de pontos de venda ocupados por feirante agricultor, sendo dez e três

pontos, respectivamente.

O quantitativo de categorias e itens indica potenciais de abastecimento local, alicerçado por uma pauta mista de produtos para segurança e soberania alimentar. O fornecimento semanal desses produtos torna-se um aspecto relevante para alimentação e economia local, e, portanto, é necessário pensar ações de apoio à produção da agricultora familiar, transporte dos feirantes, organização e valorização do espaço da feira, incentivo à comercialização, assistência técnica, programas de acesso a água, e outras.

3.6 Iniciativas de incentivo às feiras livres, identificadas nos municípios do Baixo Jequitinhonha

A coleta dessas informações foi feita por meio de entrevista com representantes de instituições governamentais e não governamentais nos municípios.

Foram identificadas quatro iniciativas de apoio ao feirante: aquisição de bancas e barracas, transporte feirante, cobertura metálica, crédito rural. Das cinco iniciativas indicadas por Ribeiro et al. (2009), duas foram identificadas nessa pesquisa, sendo a melhoria da infraestrutura com relação a aquisição de bancas, e a existência do transporte feirante.

A iniciativa mais frequente trata-se da aquisição de bancas e barracas para melhorar exposição dos produtos, sendo identificada em 12 municípios (75%). Em seguida, surge a criação de linhas de transporte para o feirante, presente em 11 municípios (69%), sendo este um dos principais gargalos para a existência e manutenção da feira livre. Logo após, verifica-se a instalação de cobertura metálica no espaço da feira, presente em cinco municípios (31%). E, por fim, uma iniciativa de crédito para o feirante agricultor, denominada Fundo Rotativo Solidário, presente apenas no município de Jequitinhonha que acontece por meio de parceria entre a Cáritas Diocesana de Almenara e a Associação de Feirantes de Jequitinhonha (ASFEJE).

Com relação ao transporte nota-se que não há uma uniformidade no serviço, sendo que nos municípios de Salto da Divisa e Divisópolis eles acontecem de 15 em 15 dias, nos demais municípios, onde existe, ocorre de forma semanal. Essa iniciativa, que normalmente é apoiada pelo poder público local, no município de Jacinto é mantida pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais.

Dos sete municípios com presença de agricultor superior a 50%, seis oferecem serviço de transporte para o feirante, semanalmente, exceto Monte Formoso, revelando a importância desse programa para significativa presença do agricultor na feira livre. Por outro lado, nos nove municípios com presença de agricultor igual ou inferior a 50%, seis não possuem serviço de transporte regular aos feirantes ou oferecem o serviço de 15 em 15 dias, com exceção de SAJA, Mata Verde e Joaíma.

O município de Monte Formoso é o único município, entre os sete, com maior percentual de agricultores, que se verificou a ausência de qualquer iniciativa de apoio a feira livre, que provavelmente reflete no tamanho reduzido da feira onde foram contabilizados apenas cinco pontos de venda, sendo a menor feira da região.

Apesar de existir o programa de aquisição de bancas e barracas em 75% dos municípios, foram identificados produtos sendo comercializados, pelos agricultores, no chão ou pontos improvisados, em todos os municípios do Baixo Jequitinhonha, totalizando 53%

dos pontos de venda, formando um conjunto de 373 unidades de venda com necessidade de intervenção quanto a sua exposição.

Corona *et al*. (2018) buscando compreender a feira-livre como um espaço estratégico para a permanência da agricultura familiar, destacam como as principais motivações para inserção do agricultor na feira livre: o sustento, o incentivo de técnicos da prefeitura municipal, a comercialização direta, e o incentivo de famílias feirantes. Relacionando a feira, portanto, como uma prática social, envolvendo instituições e agricultores, que vai além de aspectos econômico, mas com atributos que se relacionam com o modo de vida do agricultor familiar, enquanto espaço de interação cultural, social e cognitivo.

Foi identificada a existência de duas associações de feirantes. A Associação de Feirantes de Jequitinhonha (ASFEJE), no município de Jequitinhonha, e a Associação Comunitária de Feirantes da Agricultura Familiar (ACOFAF), no município de Jacinto. São organizações em defesa dos interesses dos feirantes. Tanto em Jequitinhonha, quanto em Jacinto, as associações organizam os feirantes em bancas e barracas, delimitam espaço para a venda de produtos oriundos da agricultura familiar, participam de editais de projeto para melhoria das feiras, reivindicam ações de fortalecimento como o transporte feirante, participam de eventos e capacitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela a existência de feiras livres em todos os municípios do Território do Baixo Jequitinhonha, porém diferentes com relação ao tamanho, infraestrutura, suporte ao feirante, quantidade de itens ofertados e presença de agricultor.

Conclui-se que a presença do agricultor é fundamental para as feiras livres, não só em função do abastecimento e oferta diversificada de alimentos, mas também pela manutenção de tradições e costumes tão antigos quanto o próprio surgimento das cidades, preservando hábitos que repetem todas as semanas num intercâmbio entre o rural e o urbano, entre cidade e campo nesse espaço de cultura popular chamado feira livre.

Nota-se leque insuficiente de iniciativas de apoio às feiras livres, e até ausência de iniciativas em alguns municípios. Apenas dois municípios possuem associação de feirantes, o que pode ser um indicativo de ausência institucional de representação em defesa dos feirantes e sua organização, junto aos Conselhos Municipais, prefeituras, e Sindicatos de Trabalhadores Rurais.

Os resultados desse estudo apontam a necessidade emergencial de atuação regional na formulação de programas para melhoria e consolidação das feiras livres, abrangendo aspectos estruturais, legais e institucionais. Revelando também a necessidade de ações de assistência técnica e extensão rural, vinculadas aos feirantes, para fortalecimento da presença da agricultura familiar, respeitando as peculiaridades sociais, econômicas, agrícolas e ambientais de cada município.

REFERÊNCIAS

ANGULO, J. L.G.; RIBEIRO, E. M. Na Feira de Turmalina. In: RIBEIRO, E. M. (org.) **As feiras do Jequitinhonha.** Fortaleza, Editora ETENE/BNB, 2007, p. 191-213.

BOECHAT, P. T. V.; SANTOS, J. L. **Feira Livre: Dinâmicas espaciais e relações identitárias**. Universidade Estadual da Bahia, Campus V, 2009.

BROMLEY, R. J. Os mercados periódicos dos países em desenvolvimento: uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, IBGE, 42(3), p. 646-57, jul. /set. 1980.

CORONA, H. M. P. et al. Dinâmicas socioeconômicas dos feirantes agricultores familiares de Chapecó (SC). **Redes**, Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 23, n.1, janeiro-abril, 2018.

COSTA, M. R; SANTOS, D. M. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p.653-665, Fevereiro. 2016.

FONSECA, A. I. A. et al. Feiras e Mercados Municipais em Bocaiúva (MG) e Montes Claros (MG): O Empoderamento das Mulheres Agricultoras. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP, v. 33 (2017), p. 97-105.

FONSECA, A, I. A.; FERREIRA, D. A. O.; OLIVEIRA, R. S. R. Feira e mercado: espaço e relações sociais. In: FONSECA, Ana Ivania Alves et al (Orgs.). **Estudos sobre agroecologia, agricultura familiar e as territorialidades no Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2013. p. 282 a 309.

GALIZONI, F. M. A. **Terra Construída - família, trabalho, ambiente e Migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais.** Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2000.

HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de dados agregados.** Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/agric/>. Acesso]em: 18 de dez. 2016.

OLIVEIRA, O. F. *et al***. Programa território da cidadania: Políticas públicas para desenvolvimento rural em Rondônia**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional Taubaté, v. 14, n. 2, p. 347-370, 2018 (ed. Especial)**.**

RIBEIRO, A. E. M. et al. Feira livre: espaço para criação de desenvolvimento rural e geração de renda. In: WILDHAGEN, Cid Dutra (Org.). **Diálogos Sociais – Caminhos para o desenvolvimento territorial: novas abordagens.** SEDVAN/IDENE. Belo Horizonte: Crisálida, 2009, p. 97-144.

RIBEIRO, A. E. M. et al. A pesquisa na feira: histórico e técnicas. In: RIBEIRO, E. M. (org.) **As feiras do Jequitinhonha**. Fortaleza, Editora ETENE/BNB, 2007a, p. 83-112.

RIBEIRO, A. E. M. et al. As dimensões das feiras livres. In: RIBEIRO, E. M. (org.) **As feiras do Jequitinhonha.** Fortaleza, Editora ETENE/BNB, 2007b, p. 113-148.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à FAPEMIG pelo apoio financeiro às atividades de pesquisa.

***Recebido em**: 13 de junho de 2020*

***Aceito em**: 23 de setembro de 2020*